

# O valor da ética e da formação no ser e fazer polícia no Brasil

Coronel Joviano Conceição de Lima, entrevistado por Adriana Taets, Érika Sallum e Renato Sérgio de Lima.

Entrevista

## Joviano Conceição de Lima

*Joviano Conceição de Lima é coronel da Polícia Militar do Estado de São Paulo. Exerceu as funções de comandante do Policiamento de Choque (CPChq), de 2005 a 2008, diretor de Telemática (Dir Tel), em 2005, e chefe da Inteligência – 2ª Seção do EM/PM e Agência Central (AC), entre 2003 e 2005. Atuou como professor de Ética Profissional em cursos de habilitação de oficiais, em 1995, Curso de Formação de Oficiais da Academia de Polícia Militar do Barro Branco, de 1995 a 1996, e no Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais, de 1996 a 2004. Foi professor de Deontologia Policial Militar (Ética Profissional) no Curso Superior de Polícia Integrado, de 2005 a 2008, no Centro de Aperfeiçoamento e Estudos Superiores.*

Ali na Guarda Mirim comecei a ter contato com questões de disciplina e, principalmente, de liderança.

**FBSP:** *Cel., por favor, conte um pouco a sua história, a forma como você entrou para a polícia.*

**Joviano:** Minha formação na Polícia Militar, na verdade, começou em 1969, quando eu ainda era adolescente e prestei concurso para a Guarda Mirim de Franca. Os guardas mirins já eram uniformizados, usavam uma fardinha, e ajudavam a prefeitura em algumas questões de ordem, davam auxílio nas ruas, nos estabelecimentos comerciais, órgãos públicos, hospitais, cartórios, etc. Ali na Guarda Mirim comecei a ter contato com questões de disciplina e, principalmente, de liderança. Conheci o cel, PM Marcos Régis Rachianti Cordeiro – um dos idealizadores da Guarda Mirim – e sua esposa, dona Julita Caleiro Cordeiro; o oficial na época era tenente da Força Pública e me selecionou entre os companheiros da Guarda Mirim e, aos 16 anos, me tornei o chefe da guardinha. Gosto de frisar essa minha gratificante experiência na Guarda Mirim porque foi naquele cadinho que tive o primeiro contato com a Força Pública de São Paulo, e ali, na companhia do cel. Régis comecei a ter minha formação moral, voltada para a disciplina, os valores éticos e, principalmente, os valores espirituais (o casal era altamente espiritualizado na doutrina kardecista). A Guarda Mirim recebia o apoio do Rotary, da prefeitura, dos empresários de Franca, da Maçonaria, o que criava nos meninos uma ideia de compromisso e espírito ético. O apoio que recebi do casal Julita e Régis foi essencial na minha formação, influenciando até hoje os princípios morais e éticos e, também, de liderança – de forma nenhuma relego em segundo plano a educação e formação moral recebida de meus queridos pais Sebastião Conceição Lima e Luzia Garcia da Conceição Lima. Nessa época, tive contato com a Força Pública, que estava às voltas com questões da Segurança Nacional. Foi ali que aprendi os conceitos de patriotismo, de orgulho pelo meu país, que também trago até hoje comigo.

**FBSP:** *E como se deu a sua entrada na PM?*

**Joviano:** Bem, depois que saí da Guarda Mirim, trabalhei em outras áreas da indústria calçadista de Franca e, em 1974, prestei o concurso para o Curso de Formação de Oficiais da Polícia Militar. Passei e vim fazer o curso em São Paulo, na Academia de Polícia Militar do Barro Branco. Durante os cinco anos do curso convivi com os colegas de profissão de forma elegante e muito vibrante com os ensinamentos que nos repassavam, tendo recebido uma sólida formação nos valores profissionais e morais que nortearam minha carreira como homem e oficial; nos dois últimos anos fui presidente do Diretório Acadêmico XV de Dezembro. Quando me tornei aspirante-a-oficial fui designado para o Regimento de Cavalaria 9 de Julho; fui classificado em 1º lugar da arma de Cavalaria no curso de formação que acabara de realizar. É importante ressaltar que minha formação na PM se deu ainda dentro do regime militar, mas o meu processo de adaptação ao regime democrático ocorreu de forma muito tranquila, porque os valores que foram edificados lá atrás, ainda com a Força Pública, se mantiveram, ou seja, o que importava e continuou importando era a preservação da ordem pública, agora dentro de um Estado Democrático de Direito. O essencial era defender os princípios desse Estado. Sem dúvida, essa foi a marca de toda a minha carreira na polícia. Em 34 anos de serviço, contando com o tempo da transição democrática, nunca recebi uma única punição, nunca respondi a nenhum processo, porque não houve, para mim, meio termo no meu comprometimento com a instituição e, principalmente, com a defesa desse Estado Democrático de Direito, cujo império é o da lei e da ordem pública.

Quando saí da Cavalaria, voltei-me para a área de Tecnologia da Informação e Comunicações (TIC) e também me especializei na produção técnica de informações. Isso já fazia um pouco parte da minha formação, uma vez que, desde o começo da minha carreira na polícia, voltei-me para a área de informática.

Nessa época, participei e coordenei o projeto de informatização do Centro de Operações da Polícia Militar (Copom) na área de informática. O despacho e atendimento de ocor-

“  
Não houve,  
pra mim, meio  
termo no meu  
comprometimento  
com a instituição  
e, principalmente,  
com a defesa desse  
Estado Democrático  
de Direito.”

“Tive contato com os gestores da segurança, ampliando assim a minha visão sistêmica da criminalidade, mas adicionando uma concepção de políticas públicas àquilo que antes era mais técnico.”

rências ainda aconteciam por meio de cartões e o sistema de apoio dos computadores ainda utilizava cartões perfurados; fui eu quem liderou a equipe de analistas de sistemas e programadores de computadores para efetivar a mudança do sistema manual para o *on-line e real time*.

Comecei a ter uma visão mais sistêmica do crime, já que passei a ter uma concepção espacial dos eventos, relacionando-os a partir de um ponto de vista espacial. Depois de trabalhar um tempo na área de TIC, fui designado assistente militar do secretário da Cultura, Dr. Jorge da Cunha Lima, de 1985 a 1987, tendo também sido assessor de Informática daquela pasta; em 1990, fui designado para a Casa Militar – Defesa Civil e lá que tive contato com o Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), já que éramos responsáveis por cuidar da população quando graves eventos naturais ocorriam, tais como enchentes que desalojavam as pessoas. Nesse tempo, tive contato com os especialistas em meteorologia do Inpe e do Ipmet (Instituto Paulista de Meteorologia), o que também me ajudou a consolidar ainda mais a visão espacial dos acontecimentos em tempo real, conseguindo, assim, integrar essa experiência nos projetos de tecnologia da informação em que participei. Dessa forma, tive o primeiro contato com o geoprocessamento, que esteve presente em toda a minha gestão enquanto chefe da Inteligência Paulista e comandante do Policiamento de Choque.

Depois da Defesa Civil, fui designado para trabalhar no Tribunal de Justiça, na área de TIC voltado para o sistema de Bases de Dados Criminais que a Polícia Militar mantinha com o Poder Judiciário, por conta de um termo de cooperação nesse sentido; atuei como ajudante de ordens e chefe da segurança pessoal do presidente do Tribunal, e ainda como responsável pela segurança do Conselho Superior da Magistratura. Em seguida, fui designado para trabalhar na CAP (Coordenadoria de Análise e Planejamento da SSP/SP) e foi lá que tive contato com os gestores da segurança, ampliando assim a minha visão sistêmica da criminalidade, mas adicionando uma concepção de políticas públicas àquilo que antes era mais técnico. Em especial, participei como mestrando na Universidade Federal de Minas Gerais, no Curso de Ma-

Se o policial sai de um lar desestruturado, não tem o apoio da família, isto é, não teve uma boa formação familiar, enquanto homem, ele não será um bom policial.

peamento do Crime, do Prof. Dr. Cláudio Beato. Em 9 de julho de 2005, fui designado comandante do Policiamento de Choque.

**FBSP:** *Nessa sua trajetória, desde a entrada para a Guarda Mirim em Franca até o momento em que entregou o comando do Choque em 2008, o que o senhor considera relevante? Quais os pontos da sua carreira que foram cruciais para o seu desenvolvimento, para que assumisse o comando do Choque?*

**Joviano:** Quando comecei a contar minha história pela entrada na Guarda Mirim, eu já queria chamar atenção para isso, que é a questão dos valores e princípios. Em toda minha trajetória tive contato com pessoas maravilhosas, que me ajudaram a ter essa visão da polícia sempre baseada em valores éticos e princípios basilares. É claro que isso também tem a ver com a minha formação, com a minha estrutura familiar, com a forma como os meus pais me educaram e a participação solidária de meus irmãos. Restou claro para mim é que, sem lastro psicossocial e moral, a formação pura e simples, digo, técnica, não é suficiente para o policial.

Se o policial sai de um lar desestruturado, não tem o apoio da família, isto é, não teve uma boa formação familiar, enquanto homem, ele não será um bom policial. Se ele não tiver valores e princípios e não acreditar naquilo que faz, ele não será um bom profissional. Em toda a minha carreira fui rodeado por pessoas fantásticas, que me fizeram entender a importância de ter essa base ética e moral, e tentei ao máximo colocar isso em prática. Toda a minha prática profissional, enquanto policial e ser humano, foi baseada nesses valores e princípios que adquiri lá atrás.

Outra questão fundamental para a minha carreira foi a proximidade com a área de TIC e a produção técnica de Informações. Logo no início da minha formação, tive contato com a área de informática dentro da polícia, e fui me especializando ali. Isso me ajudou a ter uma visão diferenciada do crime e da criminalidade. Quando implementamos o projeto Copom, em novembro de 1988, fui eu quem liderou a equipe de implantação do Centro de Processamento de Dados da PM, com plataforma

IBM em *mainframe*. Estávamos trabalhando há algum tempo com isso e, de um dia para o outro, mudamos o sistema, que funcionava com fichas e programas baseados em cartões perfurados e passou a ser realizado de forma *on-line* e em *real time*!

Hoje, por conta disso, temos controle de todas as viaturas que estão na rua, em tempo real! O sucesso da equipe – cujo esforço é histórico na Polícia Militar – obtido na implantação do projeto só foi possível pelo fascínio que a área de informática despertava em nós e a maneira como pude utilizar isso pela compreensão espacial da criminalidade.

Mais tarde, como já disse também, tive contato com a área de defesa civil, quando pude aprender bastante com o pessoal do Inpe e do Ipmet, tendo, assim, uma compreensão mais ampla e significativa dos eventos da natureza que ocorriam em tempo real e cujos efeitos e reflexos precisavam ser considerados no futuro próximo (previsão do tempo a partir de dados de vários planos de informação), e com essas informações se consegue fazer um planejamento melhor da ação policial. Então, veja, nessa trajetória toda, da produção da informação ao seu uso, o acesso à informação tecnológica foi fundamental para minha atuação.

Ter conhecimento do que estava acontecendo, onde e quando ocorria e porque se dava o evento é fundamental para o planejamento; e sem planejamento a ação policial não funciona a contento.

Então, concluo que minha formação, tanto técnica, na área de TIC, quanto pessoal, na questão dos valores e princípios, foi fundamental para minha carreira, para o desenvolvimento de todas as funções para as quais fui designado.

**FBSP:** *Você pode contar um pouco sobre a sua experiência no Choque? Primeiramente, seria interessante mencionar o que é o Choque, como funciona, como é formado, etc.*

**Joviano:** O Choque é a força máxima da Polícia Militar do Estado de São Paulo e suas missões são reservadas para situações em que o Estado Democrático de Direito está em perigo. A essência do Choque é a preservação do Estado Democrático de Direito. Toda vez que existe grave quebra da ordem

“  
Ter conhecimento  
do que estava  
acontecendo,  
onde e quando  
ocorria e porque  
se dava o evento é  
fundamental para o  
planejamento.”

**O Choque existe para preservar esse Estado Democrático de Direito e atuará sempre nesse sentido.**

pública o Choque é chamado a atuar. Então, por exemplo, se acontece uma manifestação na Avenida Paulista que coloca em perigo a ordem pública, o Choque vai ser chamado para conter a manifestação e retornar à normalidade da ordem pública. Aí você me pergunta: mas você vai enfrentar a população? E eu te respondo: sim! Se a ordem pública estiver em perigo, sim! Vou atuar no sentido de conter a manifestação e controlá-la! Retornar ao estado de normalidade da ordem pública que foi gravemente quebrada! O Choque existe para preservar esse Estado Democrático de Direito e atuará sempre nesse sentido.

No meu comando, o Choque era formado por um Comando, três Batalhões de Polícia de Choque e um Regimento de Cavalaria; sempre tive cinco unidades afins (Grupamento de Rádio Patrulha Aérea – GRPAe, PM-2, Centro Odontológico – Codont, PM-5 e Corpo Musical – CMus), que atuavam de forma estreita com o Choque, das quais destaco o Codont no campo social e de prevenção pela inclusão social.

Esse destaque é dado pelo fato de que, ao se oferecer à população atendimento odontológico completo às crianças carentes de 5 a 12 anos (tratamento dentário com início, meio e fim), você cria, não apenas dentro da polícia, mas na própria comunidade, um sentimento de valorização do ser humano, e sem essa valorização não é possível realizar um bom trabalho policial nas operações tipo Saturação por Tropas Especiais, que tiveram absoluto sucesso nas onze em que comandeí pessoalmente.

Deu-se especial atenção às atuações de sucesso do Choque em áreas críticas quanto à criminalidade pela inclusão social, defendida árdua e exemplarmente pelo secretário da Segurança Pública, Dr. Marzagão, que entendeu a ideia do Comando Geral e a abraçou como um fator preponderante para aplicação do poder de polícia em áreas intensamente carentes da capital e do Estado.

Então, o Choque atua a partir dos seus segmentos específicos sempre que é preciso haver uma reação da polícia no momento da ocorrência de algum evento em que se coloca gravemente em risco o Estado Democrático de Direito. Por exemplo, nós atuamos na greve da USP em 2007, fo-

mos designados para cumprir uma reintegração de posse, no entanto, as ocorrências não são assim simples, e foi preciso planejar, negociar, conversar com os estudantes, com os funcionários, mas, lembre-se, representamos a força do Estado em grau máximo, e é nesse sentido que vamos atuar.

**FBSP:** *Coronel, você falou sobre sua formação, sua história, e gostaríamos agora de conversar um pouco sobre a polícia no Brasil e, claro, a sua visão a respeito da experiência da polícia, como policial e também comandante que foi. A partir dessa discussão, do que é a polícia e de como ela atua e deve atuar, pode ficar mais clara essa questão dos valores, da importância da formação e, também, da espiritualidade, que você sempre destaca. Pensando na polícia do Brasil hoje, como é possível traduzir poder de polícia? O que é o poder de polícia hoje?*

**Joviano:** Hoje o poder de polícia pode ser executado com muito mais segurança, por causa dos treinamentos, da formação, do esclarecimento legal, do conhecimento das leis, da tecnologia colocada à sua disposição pelas bases de dados ofertadas pelos sistemas de informações. Então, o policial que vai aplicar o poder de polícia conhece os seus limites, porque existe uma técnica para aplicação desse poder, não se esquecendo da sua formação espiritual, que julgo importantíssima. Essa técnica é aprendida na escola da aplicação legal, então, não podemos pensar em poder de polícia sem pensar a questão da discricionariedade e também a questão da formação ético-moral e espiritual.

**FBSP:** *E como foi lidar com essa questão da discricionariedade no seu comando? Como você imagina que seria a forma ideal de lidar com a discricionariedade? Como podemos pensar em mecanismos para controlá-la?*

**Joviano:** O poder discricionário está intimamente relacionado com a lei; é preciso que se tenha uma boa lei, para assim se terem boas condições de aplicação dessa lei; então, por exemplo, você tem uma lei que não é clara, tem uma regulamentação que não é clara, como é que vai se praticar

“  
Hoje o poder de polícia pode ser executado com muito mais segurança, por causa dos treinamentos, da formação, do esclarecimento legal, do conhecimento das leis, da tecnologia colocada à sua disposição pelas bases de dados ofertadas pelos sistemas de informações.

o ato discricionário? Vou dar um exemplo do que é o poder de polícia: quando acontece um acidente, a lei me confere o poder de desviar ou balizar o local para se evitar um mal maior, então, quando eu, como autoridade de polícia militar, determino, por exemplo, que o fluxo do tráfego do trânsito seja direcionado para um outro local, estou interferindo no direito de ir e vir das pessoas, ou seja, elas precisam passar por ali, mas não vão passar porque tem um acidente, e eu não preciso explicar. Isso é poder discricionário! É uma ordem de polícia! Outro exemplo, tenho o poder discricionário de usar a força máxima quando eu entender, pela situação de risco apresentada, que há perigo para outrem ou para mim próprio. Mas como é, quando é que você vai fazer isso? As situações são como um relâmpago! Rápidas e não há retorno para a atitude que se adotar para solucionar a questão que se impõe no momento.

Então, é por isso que sempre falo que a espiritualidade, que para mim sempre foi muito forte, me deu segurança de bem conduzir a minha atividade, me deu tranquilidade no exercício do poder de polícia. A afabilidade, a amabilidade, a educação, a firmeza, a retidão, a integridade dos atos de polícia são fatores que influenciam na aplicação do poder de polícia. Eu só posso falar sobre a experiência de ser oficial, não posso falar da experiência de um soldado, por exemplo, mas mesmo assim, penso que é possível qualquer policial executar o poder de polícia dentro desse parâmetro, porque é o mínimo que se espera de uma pessoa bem formada e bem treinada. Aqueles que não pautam pela boa aplicação do poder de polícia comprometem a instituição, comprometem o governo, comprometem o Estado Democrático de Direito, comprometem a si próprios, o que é pior e indesejável para sua família, pois ela será a atingida.

**FBSP:** *Como você avalia a formação policial no Brasil, para não ficarmos só em São Paulo?*

**Joviano:** Vejo uma necessidade de atualização tecnológica, que precisa ser trabalhada e, concomitantemente, tem que ser vista também a questão da formação, principalmente no

A afabilidade,  
a amabilidade,  
a educação, a  
firmeza, a retidão,  
a integridade dos  
atos de polícia  
são fatores que  
influenciam na  
aplicação do poder  
de polícia.

campo ético e legal. Hoje a tropa vem de um contexto familiar não muito bom, pois sabemos que a família hoje está complicada, o que acaba influenciando na polícia. Penso que a formação é fundamental; não posso falar da formação de outros estados, conheço alguns, mas não todos. Conheço, por exemplo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e um pouco da Bahia. Entendo que quem forma, sempre busca o melhor, é evidente!

**FBSP:** *Mas, por exemplo, a ideia do curso de oficiais, com duração de quatro anos, com uma carga gigantesca no direito e uma quantidade menor em outras disciplinas operacionais, mais de inovações tecnológicas. Você acha que esse olhar extremamente circunscrito ao direito, como alguns criticam, é um limitador da ação de polícia, ou, ao contrário, é uma fortaleza? Como você avalia as proporções do currículo?*

**Joviano:** É importante ter um equilíbrio na dosagem dessa carga horária. No meu exemplo, o que mais prevaleceu foi a questão da formação, então, veja bem, a minha segurança na aplicação do poder de polícia não dependeu só do meu conhecimento técnico de direito, enquanto aplicador do direito na prática, que é a aplicação do poder de polícia, mas também a minha formação me deu respaldo para isso. Então, a formação é importante e há que se ter um equilíbrio. Você não pode colocar um homem não formado e não bem treinado, sem apoio tecnológico, só com o conhecimento do direito! Ele não vai para lugar nenhum! E o contrário é a mesma coisa: você não pode colocar esse homem altamente preparado em termos de formação e sem o conhecimento do direito. Há que se ter o equilíbrio. Entendo que esse equilíbrio é o melhor, mas, quanto de equilíbrio é necessário? O máximo possível! Quanto mais eu for preparado em direito e quanto mais eu for preparado emocionalmente, em termos de formação pessoal, em termos de estrutura, em termos de ganho salarial, melhor será! Essa é uma questão muito importante também: a distribuição da riqueza é fundamental, porque esse camarada que está lá aplicando o poder de polícia pode ir para lá ou para cá; o ir para lá é a corrupção, o para cá, a re-

Você não pode colocar um homem não formado e não bem treinado, sem apoio tecnológico, só com o conhecimento do direito! Ele não vai para lugar nenhum! E o contrário é a mesma coisa.

Se o policial ganhar bem, ele terá condições de ter uma tranquilidade no seu exercício, senão, começa a descambar; o policial acostuma a ganhar um secundário, que é o bico, e ele não desgruda disso nunca mais.

tidão, mas na retidão ele precisa cuidar da família, precisa sobreviver também! Se ele vê toda essa infraestrutura de riqueza e não participa dela, ele vai encontrar aí um grande balizador para escamotear para o lado não legal, sejamos realistas, isso é verdade! Se o policial ganhar bem, ele terá condições de ter uma tranquilidade no seu exercício, senão, começa a descambar; o policial acostuma a ganhar um secundário, que é o bico, e ele não desgruda disso nunca mais.

**FBSP:** *E como resolver isso, o problema do bico, do emprego secundário?*

**Joviano:** Como resolver? Creio que com um bom salário e um bom apoio estrutural para os policiais, e é o Estado quem deve equacionar isso. Agora, como fazer? Isso depende do governo, e o governo tem feito isso de forma tímida. Penso que poderia ser mais forte a recompensa salarial para aqueles que se dedicam à proteção da sociedade dos maus cidadãos. Por exemplo, quando entrei na PM não existia o seguro de vida! E foi uma luta! O seguro de vida foi instituído e, na sequência, foi ampliado. Então, antes, não tínhamos seguro de vida, e hoje você pode até ouvir “eu vou trabalhar na polícia para ter seguro de vida”, mas não! Não é isso! É claro que isso pode acontecer, quantas vezes passei pelos portões do Choque pensando que não ia voltar! Quantas vezes eu estava lá na penitenciária sem saber de onde vinha o tiro! Você não sabe de onde vem o disparo! O colete protege? Protege, lógico, o equipamento protege! Mas e o tiro na cabeça? O que protege? Um tiro de 762, o que protege? Um tiro de 762 em um colete faz mais estrago que um tiro de 38, e nós sabemos disso! Então, quando nós policiais vamos para o trabalho, se você tiver essa segurança do Estado como reconhecimento pelo seu trabalho essencial em prol da sociedade, você vai muito mais tranquilo, porque se eu morrer em serviço, pelo menos a minha família estará amparada.

Mas agora, que fique bem claro, a carreira policial também é uma questão de vocação, por isso que aquele contexto é importante, a pessoa deve ser vocacionada para o trabalho policial, porque se não for vocacionada o sucesso na carreira será píffio! Em nossa profissão não existe horário fixo, o risco de morrer nas

operações é real; poucos sabem o que é um tremendo desgaste emocional em uma operação policial complexa, e o governo precisa entender isso!

Então, é preciso compreender que nesse complexo de riqueza que a sociedade produz ninguém quer entrar na polícia para morrer! Mas sabe que pode morrer. E por que não morre tanto soldado em serviço? Por causa da técnica, das informações criminais preciosas que a tecnologia da informação e comunicação possibilita; que está bem aplicada, que o policial está protegido, porque as equipes raramente estão sozinhas.

**FBSP:** *Você colocou em prática aquilo que a literatura chama de inteligência de polícia e que é diferente de inteligência de Estado. Você acha que essa separação é possível, entre inteligência de polícia e inteligência de Estado?*

**Joviano:** Sim, ela é totalmente factível; hoje a PM-2 é altamente técnica, ela produz informações criminais de excelente qualidade e atende prontamente pelo princípio da oportunidade e da disponibilidade das informações por vários sistemas, tais como: Infocrim – Sistema de Informações Criminais, gerido pela SSP com dados a partir dos BO/PC da Polícia Civil; SIOPM – Sistema de Informações Operacionais da Polícia Militar, gerido pela PM e administrado pelos Centros de Operações a partir dos registros dos BO/PM; Copom *on-line* – Sistema Informatizado de Administração Geoprocessada de Policiamento Ostensivo em Tempo Real, gerido pela PM a partir dos dados do SIOPM e administrado pela PM-2; Fotocrim – Base Informatizada de Fotografias Criminais, sistema gerido pela PM e dados das bases criminais administradas da PM-2 (340 mil registros com mais de um milhão de fotografias de criminosos); Macrocrim – Base Informatizada de Organizações Criminosas e Macrocriminalidade, sistema gerido pela PM e dados das bases criminais administradas da PM-2. Por exemplo, pelo Copom *on-line* sabemos em tempo real onde está uma viatura, o trecho que tem que ser policiado. Só não planeja direito quem não quer. Isso em São Paulo, capital e nas capitais regionais.

É claro que existem buracos técnicos; essa tecnologia de

“  
É preciso  
compreender que  
nesse complexo  
de riqueza que a  
sociedade produz  
ninguém quer  
entrar na polícia  
para morrer!  
Mas sabe que  
pode morrer.”

Entrevista

O valor da ética e da formação no ser e fazer polícia no Brasil  
Cel. Joviano Conceição de Lima, entrevistado por Adriana Taets, Érika Sallum e Renato Sérgio de Lima

planejamento, na área de inteligência, foi fundamental no controle e comando das grandes operações executadas pelo Choque; a tranquilidade que São Paulo está vivendo hoje é porque estamos colhendo frutos do que foi plantado lá atrás, em vários governos, que vem sendo sedimentado aos pouquinhos.

Não foi fácil mudar da noite para o dia o Copom; do cartão de controle de despacho, e passar a ser por computador. Isso ocorreu à zero hora do dia 7 de novembro de 1988; eu pessoalmente, então 1º tenente e líder do projeto, desliguei a chave pelo sistema operacional da IBM denominado CICS/VS – *Customer Information Control System for Virtual Storage*; um sistema manual que sai do ar e o outro que entra de forma automatizada. De madrugada o sistema travou; fomos chamados para resolver o problema. Havia um programa, que tinha um erro, e travou todo o sistema. Aí o chefe do Copom na época nos chamou e disse “vou dar para vocês o prazo de até oito horas da manhã se não voltar ao ar... o despacho retornará ao que era antes” (sistema manual por fichas). Depois descobrimos que existia um pequeno erro em uma função, que não deixava o sistema subir, e esse erro colocou em risco todo o sistema e um projeto que mudaria a rotina operacional de toda a Polícia Militar. Depois de trabalharmos a madrugada inteira, conseguimos arrumar tudo e colocar o sistema no ar novamente e daí para cá foi apenas evolução e aprimoramento.

**FBSP:** *Você veio até aqui contando a sua trajetória e duas coisas ficam muito fortes na sua história, uma é essa questão da informação e inteligência, e a outra é a questão da ética, da moral e da espiritualidade. A partir desses dois pilares, é possível perceber que você foi galgando os postos da hierarquia, até chegar ao comando do Choque. Você acha que essa escalada da hierarquia foi possível por conta dessas características que você desenvolveu ao longo da sua carreira?*

**Joviano:** Penso que sim! Creio que foi pelo meu jeito de ser, e isso exerceu uma influência muito grande. Por exemplo, “quem vai para o Tribunal de Justiça entre os oficiais? Tem

“A tranquilidade que São Paulo está vivendo hoje é porque estamos colhendo frutos do que foi plantado lá atrás, em vários governos, que vem sendo sedimentado aos pouquinhos.”

“ Não tenho dúvida que a minha escolha para ir para o Tribunal de Justiça tem a ver com a qualificação técnica, mas também muito pela característica pessoal, de confiança, de lealdade às instituições, que são fatores fundamentais.

quantos capitães? Tem o A, B, C e D e o Joviano”; não tenho dúvida que a minha escolha para ir para o Tribunal de Justiça tem a ver com a qualificação técnica, mas também muito pela característica pessoal, de confiança, de lealdade às instituições, que são fatores fundamentais. Na polícia, não basta você ser técnico especializado em uma área, você tem que ter isso também!

**FBSP:** *E nessa direção, da construção de uma imagem profissional baseada em princípios e valores éticos, e que você acredita que recebeu reconhecimento nesse sentido, chegando a alcançar o cargo de terceiro no comando, que na prática não é o terceiro em comando porque tem uma função e um peso fundamental dentro da Polícia Militar de São Paulo, isso tudo aconteceu no governo do Saulo, que passava uma mensagem de dureza, de firmeza, mas que foi capaz de atrair para perto de si pessoas com o seu caráter, com a sua sensibilidade. É claro que a instituição sempre procurou ter uma autonomia em relação à Secretaria, mas eu gostaria de saber como você avalia a coexistência dessas duas mensagens contraditórias, uma de dureza e outra de princípios éticos e legais.*

**Joviano:** O que entendo é que tive um papel, uma importância no contexto estrutural do Estado, de manter o *status quo* da organização do Estado, e do processo mais importante – que é o da produção dos bens e serviços da sociedade constituída –, porque a produção passa pela minha mão, ou não passa? Se tivermos uma polícia organizada, disciplinada, correta, íntegra, ela vai permitir que a produção flua! Produz-se riqueza, bem-estar para a população, minimizando assim a questão do desemprego, e uma série de coisas encadeadas e reflexos inexoráveis que irão redundar lá na frente! O Dr. Saulo teve um papel fundamental em 2006. O papel dele, na Secretaria da Segurança Pública, na condução do processo de retomada da Ordem Pública no Estado de São Paulo, foi realmente especial; naquele momento crítico, ele foi fundamental! Ele, o cel. Eclair e o cel. Marino tiveram, naquele momento de dificuldade extrema no Estado, uma postura correta, do ponto de vista da condução do processo de manutenção da estrutura do Estado e da ordem pública. Na execução técnica dos procedimentos operacionais da força

Se eu fosse um profissional desequilibrado, não preparado técnica e emocionalmente, você pode ter certeza de que o Estado agora estaria amargando consequências danosas irremediáveis.

máxima de São Paulo, exercidos pelo Comando de Policiamento de Choque e por suas Unidades de Polícia de Choque e unidades afins, na qualidade de executores, teríamos maiores possibilidades de conduzir errado do que eles na condição de idealizadores da estratégia; eles foram firmes na conduta estratégica! Estive na execução da conduta estratégica; no comando da execução o processo passou pela minha mão, e se eu fosse um profissional desequilibrado, não preparado técnica e emocionalmente, você pode ter certeza de que o Estado agora estaria amargando consequências danosas irremediáveis, disso eu tenho certeza absoluta!

Por exemplo, vou contar um pouco o que aconteceu em Araraquara: comandi a retomada de uma rebelião com mais de 1.500 presos e 11 reféns, e não foi morto nenhum refém e sequer um prisioneiro lá, o que mostra que cumpri bem a missão. Não estou analisando porque se chegou nesse ponto, que é outra história; que é outra coisa e que tem raízes muito mais profundas, mas a minha ação naquele momento no Comando do Policiamento de Choque e a dos comandantes da tropa naquele dia foram fundamentais. Os presos tinham quebrado toda a penitenciária, em uma sexta-feira; mediante ordens do comando geral, saí daqui de São Paulo às 17h25; quando chegamos lá, recebi ordem do comando geral para entrar naquele mesmo dia; então planejamos a entrada da tropa de choque para 22h30. Na hora aprazada tudo tinha que estar pronto: a tropa de choque, helicópteros, corpo de bombeiros, paramédicos, tropa da área, etc. Como é que eu ia fazer? Numa penitenciária que tinha cerca de 270 metros de comprimento, com mais de 100 de largura, isolada, sem luz! À noite! E aí? Havia 11 funcionários reféns, e por isso os outros colegas de trabalho não viam com bons olhos você entrar! Por quê? Porque eles sabem que o companheiro deles pode morrer! Então, isso vira uma miscelânea que você não imagina o caldo que dá. Em dado momento, o diretor da penitenciária me questiona se vou mesmo entrar e digo que sim! Digo a ele para procurar os seus canais técnicos e hierárquicos para mudar a situação (ordem de entrada para as 22h30), porque eu estava pronto para retomar o presídio. Às 22h25 mais ou menos, o cel. Moisés, que era o coordenador operacional, me ligou e falou: “Joviano, recolha o choque” e eu disse “sim

senhor!”, e recolhi o choque para uma unidade da área.

Entramos no dia seguinte às 7h15, após comunicação ao comando geral; às 7h54 liguei para o comando geral e entreguei o presídio e a ordem pública estava restabelecida no local. A tropa de choque evitou a morte de 11 reféns e dos mais de 1.500 presos rebelados — nenhum morto, apenas feridos; eles se encontravam irascíveis do ponto de vista comportamental; estavam alucinados.

Então, graças a Deus, não tivemos problemas maiores, a não ser a estressante operação — foram intermináveis 39 minutos de operação. Alguns reféns estavam machucados e também alguns presos rebelados; alguns componentes da tropa estavam com ferimentos leves em razão dos cacos de vidro das janelas, tendo em vista que havia muito vidro quebrado pelos rebelados; saímos de lá por volta das 11 horas da manhã, com a tropa cansada, exausta; a noite inteira foi muito tensa, mas tínhamos que fazer; não havia outro jeito, porque para o Estado Democrático a ordem pública estava em perigo; a ordem pública haveria de ser restabelecida como foi; era importante a recuperação daquele presídio, que estava totalmente quebrado. Não me pergunte por que se chegou naquela situação, as causas não me importavam no momento... Importava sim o restabelecimento da ordem pública para a garantia do Estado Democrático de Direito.

**FBSP:** *O senhor estava falando, até pegando um pouco a questão da técnica, da desocupação da USP, em uma greve que durou 51 dias em 2007. Você poderia fazer um paralelo com a situação de hoje, com a recente ocupação da PM na USP?*

**Joviano:** Com relação à USP, tive clareza sobre as possibilidades de um desatino enorme, então, se eu entrasse com a tropa de choque lá sem controle, poderíamos ter um complicador enorme nos próximos anos até para a própria polícia, e também para o governo. O que seria algo extremamente delicado: a universidade de um lado, a reitora, os professores, os alunos, os funcionários, o caldo cultural de lá atrás, a situação do governador, que tinha sido um líder político no campo estudantil; era uma situação que tínhamos de planejar com rigor militar. E o Dr. Marzagão teve um papel fundamental nessa questão. Eu me reunia praticamente todos os dias com o comando geral e

“Para o Estado Democrático a ordem pública estava em perigo; a ordem pública haveria de ser restabelecida como foi; era importante a recuperação daquele presídio, que estava totalmente quebrado.”

fazíamos o planejamento; fazia, refazia, testava, treinávamos e fomos criando condições de entrar na USP fazendo o menor estrago possível. Eu tinha mais ou menos 800 homens para entrar na USP, algo assim, o que foi um dado fundamental para o sucesso da operação desencadeada; eu tinha uma parafernália, estava tudo pronto para entrar e restituir a ordem pública quebrada com gravidade no Estado Democrático de Direito, que era cumprir uma ordem judicial de reintegração de posse.

Então, a tensão foi num crescendo, tínhamos um fantasma rondando que era o fogo... “e o incêndio? E se tocarem fogo na USP?”. Existia um arquivo científico precioso lá na reitoria, o armazenamento de dados científicos na área da informática... daí fui usando tudo isso na argumentação com os alunos e funcionários e professores; fiz uma reunião no Comando de Policiamento de Choque com os alunos, professores, representantes da sociedade civil, comandantes das unidades de choque, etc., e fomos muito felizes na condução dos trabalhos. Mas o que é isso? É integridade junto à sociedade e à imprensa, que tiveram um papel muito importante no processo de retomada da USP sem traumas.

Então penso que o meu papel pessoal na condução desse processo foi forte, mas os papéis do governador, do secretário da Segurança Pública, do secretário da Casa Civil, do secretário da Justiça e Cidadania e do comandante geral também foram importantes, porque eles deram tranquilidade para o choque agir.

**FBSP:** *Com esse evento na universidade, podemos pensar na crise, menos na crise atual, mas na crise que você enfrentou... a gente pode pensar que existe aí uma tensão muito forte entre dois grandes modelos, entre uma polícia de Estado e uma polícia mais voltada para garantir direitos da sociedade, como você bem frisou, de garantia de um Estado Democrático de Direito, que são dois modelos. O que eu queria perguntar é: pensando em termos conceituais, pensando na história política brasileira, na história política atual brasileira, o que é fazer polícia em um ambiente, em um contexto democrático como o nosso hoje?*

**Joviano:** Penso que a primeira coisa que a polícia precisa fazer hoje é acreditar nos seus valores e princípios basilares que

Os papéis do governador, do secretário da Segurança Pública, do secretário da Casa Civil, do secretário da Justiça e Cidadania e do comandante geral também foram importantes, porque eles deram tranquilidade para o choque agir.

Penso que a primeira coisa que a polícia precisa fazer hoje é acreditar nos seus valores e princípios basilares que a norteiam.

a norteiam. Às vezes penso que o exercício da polícia passa por um momento de indiferença em alguns valores; você precisa acreditar que você é íntegro, que você tem capacidade técnica, porque se você não acreditar nisso, como é que você vai exercer sua profissão? Com o perdão pela expressão, mas essa maçaroca de informações, de corrupção, de desvio, até do próprio crime em si no que concerne à sua virulência desenfreada e irracional, de desvirtuamento da sociedade, do descompasso na sociedade, no desvirtuamento da família, isso tudo acaba por fazer que se tenha uma crise nos valores e princípios; o policial precisa rever esses valores e princípios para poder ter crença na sua integridade.

Tive a oportunidade de trabalhar com os desembargadores, na alta cúpula do Judiciário paulista, fui ajudante de ordens do presidente do Tribunal de Justiça; fui chefe de segurança pessoal do presidente do TJ e do Conselho Superior da Magistratura e, em especial, por dois anos trabalhei diretamente com o desembargador Dirceu de Mello. O Dr. Dirceu de Mello sempre exerceu a magistratura com a leveza da mão e a rigorosidade da lei, por quê? Porque ele acreditava naquilo que estava fazendo, ele acreditava no Judiciário, a instituição acreditava nele! Mas você vai dizer que temos muitos problemas no Judiciário! Temos sim! Todos sabemos, convivemos com isso, mas é importante a estrutura acreditar naquilo que está fazendo! O saudoso desembargador Antonio Carlos Alves Braga, em sua fala sábia e vigorosa de valores morais, afirmava que o Judiciário era o último bastião da sociedade! Além dos desembargadores anteriormente citados, tive exemplos maravilhosos desse comprometimento com a justiça pelos desembargadores Weiss de Andrade, Yussef Said Cahali, Álvaro Lazzarini, Antonio Carlos Tristão Ribeiro, Irineu Antonio Pedrotti, Zélia Maria Antunes Alves, Antonio Ernesto de Bittencourt Rodrigues, Celso Luiz Limongi, Mohamed Amaro, Sidney Roberto Rocha de Souza e tantos outros que mostram claramente o seu compromisso institucional no Judiciário, dando segurança às tarefas executadas pela Polícia.

Então, penso que se os policiais, no quadro atual, não acreditarem no que fazem, eles não vão exercer bem esse poder de

polícia que lhes é atribuído pelo Estado Democrático de Direito! Porque eles perdem a referência, perdem o parâmetro, descambam para o crime! Se eu não acreditar no Judiciário, vou fazer o exercício da lei com a própria mão! Não é por aí jamais!

Por exemplo, o papel de vocês do Fórum Brasileiro de Segurança Pública – tal qual o papel da imprensa –, no contexto organizacional do Estado, é fundamental. Se não houver em vocês um contrapeso chamando atenção, provavelmente a polícia não estaria preocupada em repensar ensino, técnica, planejamento, em repensar valores e princípios, ela não estaria pensando nisso com tanta agilidade quanto agora! Provavelmente com mais dificuldade em melhorar suas técnicas e destino institucional em prol do bem-estar da sociedade! Mas vocês fazem esse contrapeso, que julgo importantíssimo!

Na minha trajetória, que já contei aqui, vim de família humilde, de trabalhadores, vim lá de baixo, meus pais criaram honradamente seis filhos! Mesmo assim, não houve barreiras intransponíveis para eu progredir, isso é importante frisar; as barreiras eu as superei. Hoje, graças a Deus, tenho dois filhos, tenho uma casa, tenho uma vida tranquila, em termos de bem viver por conta do que o Estado me ofereceu, do que a polícia me ofereceu; eu soube aproveitar bem todas as oportunidades que me foram apresentadas pela vida; mas sempre tive clareza de que meu papel era importante nessa profissão, desde que eu acreditasse nesses valores e princípios; daí eu ter falado no início ao chamar a atenção lá em 1969, quando fui guarda-mirim em Franca. Tenho a impressão de que não vai ser fácil sensibilizar uma massa de policiais, da ordem de mais de 100 mil aqui em São Paulo, para que eles tenham essa vivência; se a pessoa não for bem formada, se não tiver uma família boa, se não tiver uma vida espiritual bem definida, vai ficar muito difícil!

A mensagem final que registro aos colegas de profissão é a de que Ética, Legalidade, Planejamento, Técnica e Ação de Comando formam o pentagrama de atuação de um comando de polícia nos ideais do Estado Democrático de Direito para a preservação da ordem pública. ✧

“  
Ética, Legalidade,  
Planejamento,  
Técnica e Ação de  
Comando formam  
o pentagrama de  
atuação de um  
comando de polícia  
nos ideais do  
Estado Democrático  
de Direito para a  
preservação da  
ordem pública.”

## **Errata**

Revista Brasileira de Segurança Pública,  
Ano 3, Edição 4, Fev/Mar 2009.

### **Página 114**

onde se lê: Neuma Cipriano é psicóloga;  
leia-se: Neuma Cipriano é acadêmica de psicologia.



## Regras de Publicação

- 1** Os trabalhos para publicação na Revista Brasileira de Segurança Pública deverão ser inéditos no Brasil e sua publicação não deve estar pendente em outro local.
- 2** Os trabalhos poderão ser enviados por email, para o endereço revista@forumseguranca.org.br, ou por Correio, cuja correspondência deverá ser enviada para a sede do Fórum, localizada à Rua Teodoro Sampaio, 1020, cj. 1409 / 1410, Pinheiros, São Paulo / SP, CEP 05406-050. Nesse caso, os textos deverão ser enviados em CD-R ou CD-RW e duas cópias impressas em papel A4.
- 3** Os trabalhos deverão ter entre 20 e 45 mil caracteres, consideradas as notas de rodapé, espaços e referências bibliográficas.
- 4** Recomenda-se a utilização de editores de texto que gravam em formatos compatíveis tanto com programas amplamente disseminados quanto, prioritariamente, com softwares de código aberto.
- 5** Os artigos serão submetidos ao Comitê e ao Conselho Editorial da Revista, que terão a responsabilidade pela apreciação inicial dos textos submetidos à publicação.
- 6** O Comitê Editorial da Revista Brasileira de Segurança Pública pode, a qualquer tempo, solicitar apoio de consultores AD HOC para emissão de pareceres de avaliação sobre os textos encaminhados.
- 7** A revista não se obriga a devolver os originais das colaborações enviadas;
- 8** Os trabalhos deverão ser precedidos por um breve Resumo, em português e em inglês, e de um Sumário;
- 9** Deverão ser destacadas as palavras-chaves (palavras ou expressões que expressem as idéias centrais do texto), as quais possam facilitar posterior pesquisa ao trabalho na biblioteca. Vide exemplo:  
  
PALAVRAS-CHAVE: Segurança Pública, Violência, Polícias;
- 10** Os artigos deverão ser precedidos por uma página onde se fará constar: o título do trabalho, o nome do autor (ou autores), endereço, telefone, fax, e-mail e um brevíssimo currículo com principais títulos acadêmicos, e principal atividade exercida. Recomenda-se que o título seja sintético.
- 11** Não serão devidos direitos autorais ou qualquer remuneração pela publicação dos trabalhos em nossa revista, em qualquer tipo de mídia impressa (papel) ou eletrônica (Internet, etc.). O(a) autor(a) receberá gratuitamente cinco exemplares do número da revista no qual seu

trabalho tenha sido publicado. A simples remessa do original para apreciação implica autorização para publicação pela revista, se obtiver parecer favorável.

**12** A inclusão de quadros ou tabelas e as referências bibliográficas deverão seguir as seguintes orientações:

- a Quadros, mapas, tabelas etc. em arquivo separado, com indicações claras, ao longo do texto, dos locais em que devem ser incluídos.
- b As menções a autores, no correr do texto, seguem a forma — (Autor, data) ou (Autor, data, página).
- c Colocar como notas de rodapé apenas informações complementares e de natureza substantiva, sem ultrapassar 3 linhas.
- d A bibliografia entra no final do artigo, em ordem alfabética.

### critérios bibliográficos

**Livro:** sobrenome do autor (em caixa alta) /VÍRGULA/ seguido do nome (em caixa alta e baixa) /PONTO/ data entre parênteses /VÍRGULA/ título da obra em itálico /PONTO/ nome do tradutor /PONTO/ nº da edição, se não for a primeira /VÍRGULA/ local da publicação /VÍRGULA/ nome da editora /PONTO.

**Artigo:** sobrenome do autor, seguido do nome e da data (como no item anterior) / “título do artigo entre aspas /PONTO/ nome do periódico em itálico /VÍRGULA/ volume do periódico /VÍRGULA/ número da edição /DOIS PONTOS/ numeração das páginas.

**Coletânea:** sobrenome do autor, seguido do nome e da data (como nos itens anteriores) / “título do capítulo entre aspas” /VÍRGULA/ in (em itálico)/ iniciais do nome, seguidas do sobrenome do(s) organizador(es) /VÍRGULA/ título da coletânea, em itálico /VÍRGULA/ local da publicação /VÍRGULA/ nome da editora /PONTO.

**Teses acadêmicas:** sobrenome do autor, seguido do nome e da data (como nos itens anteriores) /VÍRGULA/ título da tese em itálico /PONTO/ grau acadêmico a que se refere /VÍRGULA/ instituição em que foi apresentada /VÍRGULA/ tipo de reprodução (mimeo ou datilo) /PONTO.



**FÓRUM BRASILEIRO DE  
SEGURANÇA PÚBLICA**